

## 1. Introdução

Foi numa mesa de bar, no local em que em tempos remotos havia “uma tal balança onde os malandros iam sambar”<sup>1</sup>, que a decisão de ter o Estácio como tema veio-me pela primeira vez e de forma definitiva. Havia participado de uma feijoada na quadra da Escola de Samba Estácio de Sá, quando ao final do dia dividi a mesa com o amigo Gustavo SB, mais os senhores Wanderley Caramba e Seu Firinho, personagens primordiais que mais à frente, somados a outros, se apresentarão com maiores detalhes e as devidas honrarias.

Estava em fase de conclusão do mestrado, a poucos meses da defesa, quando tomei contato com aquela agremiação e sua Velha-Guarda. Curiosamente – e faço questão de mencionar esta coincidência – a dissertação sobre a Pedra do Sal nasceu de uma visita que fiz àquele local levado pelo companheiro e parceiro musical Gustavo SB, fato que ocorreria novamente, desta vez com relação ao Estácio.

Aceitando o convite para acompanhá-lo à festa da Velha-Guarda, pois que o tio dele, Seu Firinho, o havia intimado a comparecer, imediatamente percebi no ambiente uma atmosfera bastante interessante, pela qual fui prontamente envolvido. A partir disso e pela própria questão da parceria, por tudo o que presenciamos e partilhamos naquele almoço, surgiu a ideia de homenagear com um samba de exaltação aquela ala tão importante.

Daí em diante só foi crescendo a admiração por aqueles senhores, pelas cores, pelos tambores da bateria “medalha de ouro” e, decorrente dessa admiração, brotava em mim o interesse pelas histórias do lugar. Algumas contadas por aqueles senhores, naquela mesa, outras que passei a buscar depois, aonde pude. Histórias que se criaram por personagens que construíram a história lida. Histórias que se criaram por personagens que construíram a história ouvida. Em vários momentos elas se cruzam e até se completam, mas, ainda assim, sempre principiam motivos para divergências e até mesmo contestações. Pois foi dessa premissa, esse tear que se oferecia para mim, que aventei o desejo de

---

<sup>1</sup> CARTOLA & CARLOS CACHAÇA. *Tempos idos*. <http://musica.com.br/artistas/cartola/m/tempos-idos/letra.html>, acessado em 07/11/2014.

construir a narrativa que se inicia. A partir de então, passo a grafar com maiúscula a palavra morro, quando estiver me referindo ao São Carlos, bem como a empregar o acento grave ao termo Estácio, para me referir à escola de samba.

Envolto por imagens e palavras que circulavam em meu pensamento e soavam em meus ouvidos, criando cenários e linhas em branco, vislumbrei a possibilidade de produzir um trabalho, algo que realmente proporcionasse prazer e realização. Algo que pudesse atender aos meus anseios e ao suposto instinto criativo. Seria ideal se ele pudesse dar conta de alguma questão que possuísse apelo junto à academia, mas essencialmente que não me engessasse a escrita com tantas formalidades e padrões preestabelecidos. O mais importante: que essa questão estivesse na esfera do comum e sua grandeza residisse exatamente neste ponto. Na vida simples de pessoas simples, que em sua singularidade preenchem o grande mosaico de uma comunidade. Como campo circunscrito, a escolha não poderia deixar de ser o bairro do Estácio e algo que pudesse ser detectado como elemento de destaque no interior desse conjunto. Um lugar como aquele, caracteristicamente marcado por tensões em vários momentos de sua história, haveria de ter em momentos mais agudos de harmonia ou desequilíbrio, campos interessantes de conhecimento a serem explorados.

A partir desse ponto, era só considerar aquele espaço físico uma tela de projeção, aonde fossem sendo passadas imagens desde o instante em que ela fosse ligada. Observar no decorrer dessa exposição o que possa ter sido algo comum ao longo do filme, em que ao se repetir tenha provocado qualquer espécie de ruptura, alterando o quadro e a continuidade do processo. Perceber a constância desses acontecimentos e o grau de afetação que eles possam exercer ou ter exercido sobre o plano de relações que movimentam esse lugar. Ter autocrítica para entender o valor dessa questão sob o ponto de vista acadêmico, mas impor-me essa mesma crítica para também me convencer do quanto ela pudesse possuir de valor, para mim e para a própria academia.

Assim, dei de me ocupar em manter os sentidos mais aguçados do que de costume e de me deter em pormenores. Toda informação nova ou revisitação ao já supostamente conhecido passam a receber um olhar mais criterioso e subjetivo. Abstração, aliás, como um mal de quem encontra alimento na poesia, longe de ser

um fator negativo, revela-se um eficaz sensor na captação do que se manteve por largo período como algo inapreensível. No fim, se não encontrei a fórmula da pólvora, não era mesmo isso o que buscava. E, apenas para encerrar esta argumentação que já se estende em demasia, muito oportunamente veio-me à lembrança um pensamento de Carlos Lamarca lido na adolescência e guardado na memória até hoje. Parafraseando o nobre capitão – que coincidentemente também nascera no Morro de São Carlos, onde vivera até os dezessete anos de idade<sup>2</sup> –, peço sua licença póstuma e a quem mais possa haver, para sair do seu campo de batalha e analogamente, no campo da narrativa, também imaginar que “eu sou um combatente provisório de uma causa quase eterna no homem, acredito ter como bandeira senão o sonho perfeito, a melhor utopia possível”<sup>3</sup>. Portanto, vamos à luta.

Determinada queixa proferida naquela mesa, no entanto, me causava certo incômodo e confesso que custei a entender do que exatamente se tratava. Confesso também que não sei se a compreendi corretamente, entretanto, passei ao menos a enxergá-la por determinado ponto de vista. Era a queixa que pela primeira vez ouvi na fala do Seu Wanderley Caramba ali naquela mesma oportunidade, e que depois ouviria de quase todas as pessoas com quem conversei: a falta de memória do Estácio. O mesmo Caramba ainda seria mais contundente: “O Estácio não tem memória. Eu ainda pretendo, um dia, antes de morrer, escrever a história do Estácio”.

Na verdade, o que o Seu Wanderley Caramba jamais percebeu é que ele já escrevia parte das memórias do Estácio há muito tempo e da forma mais nobre. Ele não era só autor de sambas incríveis que são lembrados e cantados por muitos dos que posteriormente eu viria a conhecer. Wanderley Caramba é sem dúvida uma rica página da história viva do mundo do samba, de uma comunidade que é o Morro de São Carlos e do bairro do Estácio. Seu nome é citado por todos os que manifestaram qualquer lembrança sobre o passado do Morro e da agremiação carnavalesca, sempre com muito respeito e admiração.

---

<sup>2</sup> <http://edsonveriato.blogspot.com.br/2013/01/carlos-lamarca.html>, em 16/03/2017.

<sup>3</sup> JOSÉ E. & MIRANDA O. *Lamarca – O capitão da guerrilha*. São Paulo: Global Editora, 1980.

Passei, então, a indagar-me sobre o que seria essa falta de memória. Se ela se tratava de um descaso das fontes de pesquisas para com o lugar, ou descaso das autoridades governamentais. Talvez um descaso da própria população do bairro e das comunidades de seu entorno para com a própria história. Porque há uma história nobre gerada naquele “berço”, cujas memórias sobre tão profícuo período na história musical do país têm relativo destaque, tanto no âmbito da pesquisa quanto no da mídia.

No entanto, percebi que essa mesma história, por mais relevante que fosse não se encaixava como fator identitário e preenchedor do suposto vazio que se revelava nas queixas dos meus reclamantes. Percebi que, a julgar pela idade dos mais velhos, nascidos a partir da década de 1930, suas lembranças de modo geral estavam centradas a partir da década de cinquenta. Ou seja, tendo o samba como um fio condutor e o carnaval como evento intrínseco a este gênero musical, a geração que então me apresentava sua queixa se referia ao período de sua infância, partindo dele até os dias atuais.

Quando mencionados Ismael Silva e a primeira escola de samba, a Deixa Falar, ao mesmo tempo em que são reconhecidos e reverenciados por esses senhores, percebi que também parecem ser aceitos por eles de forma relativamente discreta. Algo como um protocolo, uma mera formalidade a ser atendida, sem muito indício de sentimento. Um caso em que o politicamente correto se mantém e a reconhecida história ocupa apenas o lugar que oficialmente é de direito ocupar. O que clama por atenção, pela quebra de silêncio é a memória dos São Carlenses, enquanto moradores do Morro e amantes da escola de samba natural daquele morro.

Muito por eles é falado com relação às agremiações que no Morro existiam e que se uniram para formar a Unidos do São Carlos. A lembrança de sambas no terreiro de suas casas, das festas religiosas, da vida de criança pelo Morro. Tudo que envolvia suas vidas e que acabava por se confundir com a rotina da escola de samba, revela um traço indiscutível de identificação entre a entidade carnavalesca e a comunidade. A São Carlos era o São Carlos.

Percebi também que a relação entre a Escola de Samba Estácio de Sá e o bairro do Estácio, na fala de suas personagens, mostrou-se sempre confusa para

mim porque não era exatamente deles que se falava. Comecei a compreender que muitas das vezes quando alguém utilizava o termo Estácio estava na verdade se referindo à Unidos do São Carlos ou ao Morro de São Carlos.

Detectei algumas sutilezas nas relações envolvendo o Morro de São Carlos, a Unidos do São Carlos, o bairro do Estácio, a Escola de Samba Estácio de Sá e a gente que fomentou e fomenta de vida estes lugares. Por conta disso pude notar o quanto tem se revelado complexa essa comunhão. Complexa no sentido de que os limites entre um e outro elemento parecem estar somente na instância verbal e, ainda assim, às vezes. Isto em virtude do que me atrevo a apontar como uma peculiaridade que teria se consumado definitivamente sobre aquela região, desde os tempos mais remotos de sua origem.

Obviamente que as minhas reflexões sobre a relação complexa envolvendo as escolas (de samba), o Morro, o asfalto, tradição, memória, identidade e a música como um veio d'água por onde esses elementos perpassaram todas as décadas posteriores aos anos 1920, indicaram-me várias direções. Confesso que em alguns momentos senti-me em um labirinto e precisei de tempo para vislumbrar a saída. Da última vez que assim me encontrei, fui socorrido pela força do acaso ou por algum sopro divino. Por uma ou outra condução, a verdade é que resolvi não mais largar dessa mão e me permiti caminhar atrelado a ela, repetindo o mantra que me fora sussurrado aos ouvidos no momento imediato daquele contato, o qual posso chamar de “concepção”.

Tudo ou muito do que ouvi, li e observei conduziram-me a uma análise e à compreensão que pude obter daquela região como um todo. Refiro-me ao Estácio como ponto central, porém num estado de quase virtualidade, circundado pela Cidade Nova, a Praça Onze e os morros, em especial o do São Carlos. Todas as informações me fizeram atentar para uma característica daquela região inicialmente denominada Mata-Porcos. Historicamente – e veremos como isso se torna recorrente em diversas outras situações – aquele território sempre se apresentou, inclusive geograficamente, como um campo de passagem, um corredor. Um ponto que se oferecera sempre sob a expectativa da efemeridade, com pouca retenção de tudo e migração contínua e expressiva para outras estâncias.

Imaginei que das reflexões decorrentes daquilo que inicialmente eu não compreendia, conseguira afinal extrair um caminho para dar vasão às queixas, aos contos, aos cânticos, à fala de uma gente que se mostrava – a julgar por aquela mesa –, além de simpática, extremamente interessante. Permiti-me, então, contemplar a possibilidade de acrescentar algo ao acervo já existente sobre o lugar e sua gente. Algo que, segundo o meu olhar, transitaria pela música, pela memória, pela história e pela fala, considerando o que a mim se ofereceu como prisma e que imagino ser um fenômeno determinante: o “caráter transitório” da região, como o classifico, e os reflexos disso nas mais diversas relações afins.

Não tenho com esta hipótese a presunção de ter diagnosticado algo anteriormente ainda não detectado. Nem com isso sugerir que tal característica seja especificamente inerente à região do Estácio. Nem presunçoso, nem ingênuo, apenas entendo que assim como em qualquer lugar, em qualquer período da história humana e como lei natural do universo, tudo é transitório, “tudo muda o tempo todo no mundo”<sup>4</sup>. Porém entendo também que algumas peculiaridades que podem ser úteis para elucidar alguns mistérios, nem sempre são observadas com criticidade ou mesmo com a curiosidade merecida. O seu passar despercebido muitas vezes pode omitir aspectos de extremo valor para alguém ou para determinado fato. Daí a relevância que passei a atribuir ao fenômeno transitoriedade.

Por isso não me acanho, tampouco me intimido, em sustentar essa linha de pensamento que passo a utilizar como parceria, ao transportar para a folha em branco tudo o que pude apurar e reproduzir das falas das personagens nesta narrativa. Suas queixas, seus silêncios, seus feitos ou não feitos, ditos ou não ditos. A transitividade de suas vidas sob a perspectiva transitória do seu lugar, talvez, também por isso mesmo, reconhecido como berço. Desde que se tem ciência, ele tem sido assim.

A região do bairro do Estácio, antes de se transformar em um chão para viver, era uma enorme área alagada no entorno da lagoa de Capuerussu. (...)

A lagoa, as chuvas e o movimento das marés da Baía de Guanabara faziam das terras baixas de Capuerussu terrenos alagadiços, levando os primeiros moradores europeus a ocupar as encostas dos morros. Eles viviam da caça, da

---

<sup>4</sup> Lulu Santos e Nelson Motta. *Como uma onda – zen surfismo*. Álbum O ritmo do momento, WEA, 1983.

pesca, de pequena atividade agrícola, do plantio e da venda de capim e da criação de varas de porcos soltos pela mata, para serem mortos e vendidos na cidade. Por esse motivo a região passou a ser conhecida como Mata-Porcos. (VILHENA; CASTRO, 2013, p.33)

Após esta explanação inicial sobre as condições do território e suas primeiras ocupações, os pesquisadores Bernardo Vilhena e Maurício Barros de Castro complementam sua apresentação do Estácio com o que considero um detalhe primordial inculcado no texto seguinte. Algo do qual eu só me daria conta de sua importância, quando já me encontrava completamente envolvido por este enredo. O fato de que “Nesses sítios, era oferecido pouso para os tropeiros, que vinham do interior vender seus produtos no Rio de Janeiro e buscavam um bom pasto para alimentar seus animais.” Ou seja, a condição de “pouso para os tropeiros” já sinalizava como proposta de ser um pouso passageiro, ainda que nele alguém se retivesse em culturas pouco efetivas.

Deslocando um pouco o olhar para outro ponto fundamental dentro deste mesmo contexto, atravesso toda a cena até então vigente, para fazer uma menção ao samba. Vasto é o acervo gerado sobre esta matéria e, conseqüentemente, infindáveis são as correntes que dela se espalham. Muito já foi explorado e muito ainda há de sê-lo. Diversas são as pesquisas que se apresentam com investigações desde o final do século XIX, com as inovações do fabuloso Joaquim Callado e a incursão de seus experimentos no século seguinte. A partir de todas as transformações impostas à cidade e ao povo que nela se constituía sob os aspectos social, arquitetônico, econômico e político, determinantes e determinadores do perfil inegavelmente singular desse povo.

Naquele cenário em formação que configurava o início do século XX, foram surgindo artistas emblemáticos como Eduardo das Neves, Donga, Pixinguinha, Ismael Silva, e tantos outros. Além de personagens não menos interessantes quanto Hilário Jovino, Tia Ciata, e também outros tantos, que até nem figuram em referências, mas que marcaram profundamente aqueles anos iniciais de 1900. Por tudo que cerca o samba, o espaço em que ele se consolidou e suas personagens, uma nova abordagem sobre esse contexto pode exigir – ou pelo menos sugerir – também sempre uma possibilidade nova de leitura, sob nova perspectiva.

Pois foi movido por esse querer, pela curiosidade de alcançar uma possível rima incompleta, o verso não repetido, a obra suspensa no vazio, que num devaneio saboroso, repentino, enquanto a conversa na mesa fluía permiti-me derivar. Foi assim que a minha história no Estácio começou. Exatamente no mesmo local onde pelo menos boa parte de outras duas grandes histórias relacionadas entre si se construiu: a do samba carioca e a da própria cidade do Rio de Janeiro. Contudo, o olhar assumido para verbalizar da forma pretendida constitui-se menos pelo rigor historicista e quase plenamente pelo calor da contemplação, da admiração e da exaltação.

Assim, assumo a primeira pessoa nesta narrativa, com o desejo de atingir de forma quase epidérmica minha meta: traçar um perfil etnográfico daquela região e de parte de sua comunidade, cuja participação desta fração possa contribuir em certa medida para a compreensão do coletivo. Trata-se realmente do meu olhar e da minha vivência junto àqueles com quem dividi espaços e momentos, por demais valiosos sob todos os aspectos. Trata-se da intromissão de alguém que para além de um dever acadêmico se encanta com a tarefa de tornar uma comunidade do morro, o samba e as falas dessa gente simples, proposta de leitura e reflexão a quem possa em tal matéria encontrar interesse ou mera distração. Trata-se de encurtar a visão para não deixar de ver o que sempre esteve debaixo do nariz. Para mais uma vez não rejeitar o que historicamente foi posto por debaixo ou posto a baixo. Trata-se de assumir a fala desses agentes e desse lugar, para modestamente na minha narrativa, transportar para as letras a sua voz.

Uma das razões pelas quais decidi como deveria ser minha caminhada em terreno – a meu modo de ver – tão movediço deu-se pela precariedade de registros. Às voltas com textos e buscas a todo tipo de material que me fornecessem subsídios, deparei-me inicialmente com o que considerei um grande vazio. Senão um vazio total, uma fragmentada e sintética história, a qual surpreende negativamente por conta da propalada fama de bairro de tantas histórias, de celeiro fundamental do samba, de ponto crucial para expansão da cidade. O acervo de material escrito, que deveria corresponder à tamanha relevância, não parecia, no entanto, estar em paridade com o que se fala.

Foi daí que atentei para uma realidade comum quando se tenta estudar aspectos relacionados às classes social e economicamente desprestigiadas na formação do povo brasileiro: a precariedade de registros escritos. Aliás, pensar o que são registros escritos, enquanto documentos e arquivos, nos remete a buscar a compreensão de seu papel, que pode estar para além do que se propõe primariamente como simples guardados. Tal como nos apresenta Derrida em sua análise, a origem do termo arquivo estaria no grego, cujo significado seria “inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam”<sup>5</sup>. Assim parece bem definida a função do arquivo enquanto guardador de um saber ou de uma informação seja ela de qual natureza for. Nessa casa, nesse domicílio em que se abriga um fato histórico, por exemplo, há também um claro domínio sobre o que se arquivava e o que se deve ou não divulgar. Senão vejamos a seguinte definição do que ele trata como “domiciliação” e o que dela se pode compreender, quando estariam esses arquivos, os quais “diziam, de fato, a lei” – a ela evocavam e a ela convocavam –, sob a guarda dos arcontes.

Foi assim, nesta domiciliação, nesta obtenção consensual de domicílio, que os arquivos nasceram. A morada, a casa onde se de-moravam, marca esta passagem institucional do privado ao público, o que não quer sempre dizer do secreto ao não secreto [...] Em tal estatuto, os documentos que não são sempre escritos discursivos, não são guardados e classificados no arquivo, senão em virtude de uma topologia privilegiada. Habitam este lugar particular, este lugar de escolha, onde a lei e a singularidade se cruzam no privilégio<sup>6</sup>.

É, portanto a primeira figura de um arquivo, pois todo arquivo (...) é ao mesmo tempo instituidor e conservador. Revolucionário e tradicional. Arquivo econômico neste duplo sentido: guarda, põe em reserva, economiza, mas de modo não natural, isto é, fazendo a lei (nomos), ou fazendo respeitar a lei<sup>7</sup>.

Dessa forma parece clara a intenção não de apenas guardar, mas também de selecionar o que pode e o que não pode sair da esfera do segredo. Manter a guarda e fazê-lo de “modo não natural” em virtude da “lei” é o que parece afastar esse modelo de arquivo de arquivos vivos que propagam seus guardados pela oralidade. E talvez até por não parecer sujeito a nenhum tipo de lei, ‘o que se fala’ não é somente o que há, mas é o que em diversas situações predomina, porque

---

<sup>5</sup> DERRIDA J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 12.

<sup>6</sup> Idem, p.13.

<sup>7</sup> Idem, p.17.

dessa forma se construiu e dessa forma ficou. Sobreviveu apesar de sujeito a todas as formas de adversidades e atravessa gerações e gerações, transmitindo e renovando conhecimento e informações. E porque não se pode nem se deve desprezar este poderoso artifício – até porque desprezo da cultura letrada foi o que nunca lhe faltou – decidi que minha escrita seria prioritariamente dedicada ao que se fala.

Sem qualquer receio de como isso iria repercutir, das críticas e mesmo julgamentos que a ela pudessem ser feitos, por quem quer que fosse, estaria apoiado em trabalhos escritos, sim, mas, sobretudo, amplamente aberto às vozes de quem há muito esperava sua hora de falar. Bastava-me, para tanto, simplesmente permitir que as histórias viessem e fluíssem, qual uma escola de samba evoluindo na avenida. Uma antiga escola, de antigos carnavais. Resolvido por mim dessa forma, então, “deixa falar”!

Não há uma busca por verdade em nenhum instante sequer desta narrativa, esta razão nunca foi meta perseguida. Todavia encontrei razões convincentes para o que me propus buscar. A principal delas, enquanto amante da literatura e atuante neste universo, o quanto me é sedutor ser afetado por uma boa história. E se essa história possui uma trilha sonora, torna-se ainda mais especial, uma vez que o envolvimento pela música norteia quase todos os meus movimentos e desejos. E foi justamente nesse ponto que todo o empenho esteve sendo abastecido e exercitado, com o claro propósito de tornar o mais harmônico, melódico e ritmado possível, o longo percurso a caminhar.

Conviver com as pessoas do lugar, conhecê-las para além do que a formalidade de uma entrevista acaba por provocar. Muito mais que observador, imaginei que, para o resultado desejado, eu deveria estar completamente envolvido, respirando o mesmo ar, cantando o mesmo samba, mas permitindo o próprio desafino ou o não cantar. Acreditei que não seria difícil a tarefa de ser tomado e seduzido pelo ambiente e seus agentes, nem que haveria tamanha complexidade nesta relação. No entanto, confesso – e até com certa surpresa - que em alguns momentos não compreendi muito bem a dinâmica que se dava na confluência das forças que se apresentavam para mim. Talvez nesses momentos eu tenha falhado em não ser a minha própria voz e não crescendo com ela o

campo polifônico que almejei construir. Confuso, posso ter me colocado como um aglutinador de todas as outras vozes que ali ecoavam, sem talvez perceber que as tentava afinar pelo diapasão da minha própria voz. O resultado dessa inabilidade pode ter causado um desvio no que principiei como meta e confesso que talvez precise de algum tempo de maturação, quando, no futuro, uma nova causa salte-me aos olhos, impelindo-me a uma nova narrativa e eu venha a produzir um novo trabalho sobre o tema.

Ainda assim, eu jamais haveria de refutar diante da missão assumida e almejada. Logo, imergi no universo de tudo o que me levava àquele ponto físico e abstrato, sob minha interpretação. Saliento, sem o menor constrangimento, que a tese enquanto modelo acadêmico certamente não há de se ter nesta narrativa. Talvez um trabalho etnográfico do qual, como bem identifiquei, escaparam-me algumas chaves importantes, ou mesmo não as encontrei. Mas apresento minhas impressões e algo que possa me valer como marca. Meu traço tornando corpo a leitura que fiz de tudo e de todos. E o desejo de conseguir ver ocupado, no texto, o espaço pretendido àqueles que, então, passo a considerar coautores. É desse modo que penso ter exercido minha tarefa e, em que pese o inatingível nesta minha tentativa, exponho meu trabalho ao crivo que lhe será inevitável e necessário, com a consciência e o espírito plenos de paz e satisfação.

Sempre estive ciente de que muito haveria de ser apurado, vivido, testemunhado nesse devir cuja marcha é cadenciada, marcada por toques de surdo, tamborim e cuíca. Movido inicialmente por aqueles senhores, na mesa do bar, em nosso primeiro contato, tinha eu entendido a lição de seguir no labor, sem vagar, mas no ritmo que eles me permitissem os acompanhar. Da concentração até a dispersão o percurso seria longo. E ainda haveria de se contrapor a mim, além da distância, o rigor do cronômetro. No entanto, seria também, sem dúvida, mais prazeroso que cansativo. Ainda estava me agrupando na concentração, mas a bateria já iniciara o “esquenta” determinando a frequência da minha pulsação. A harmonia revelara-se perfeita, o grito de guerra já fora dado, e quanto à fantasia, esta, desde a escolha do enredo, já me tomara por inteiro: o corpo, o espírito, frente, verso e prosa.